

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação

“Até o Fim”: Fazendo um videoclipe sozinho

André Watanabe Gongora
Sob orientação de Érika Bauer

2º Semestre de 2016

Brasília-DF

AGRADECIMENTOS

À minha família. Sem vocês, nada disso teria sentido.

À Malu, por estar sempre ao meu lado e acreditar em mim mesmo
quando nem eu acredito.

Ao Caio, por tornar este trabalho possível.

À Mia e ao Gob, pelo amor incondicional.

Aos amigos, por todas as histórias que vou contar aos meus netos.

À Pupila Audiovisual e todos que fizeram parte de sua história.

Minha segunda casa. Obrigado pelas lições de vida, serei
eternamente grato.

A todos que compartilham conhecimento na Internet sem cobrar
nada dos que estão usufruindo, obrigado pela enorme contribuição
ao mundo.

Aos que não acreditaram em mim, pela motivação.

DEDICATÓRIA

Às famílias quebradas pela dor: não esperem o tempo agir, porque
isso não muda nada. Conversem.

Aos que buscam sonhos grandes: as pessoas vão rir de vocês,
porque a vida delas não tem muita graça. Persistam.

Aos conformados: esqueçam as mentiras que nos contaram.
Transformem-se.

RESUMO

Este estudo dedica-se a apresentar o memorial descritivo sobre o processo de realização do videoclipe “Até o Fim”, a partir da música homônima de minha autoria. Propus, por meio deste, realizá-lo sozinho, do início ao fim. Coloco em discussão o acesso ao conhecimento através da Internet, o videoclipe como forma de transmissão de uma mensagem e contexto os padrões estabelecidos sobre equipamentos audiovisuais de qualidade profissional, propondo a utilização do *smartphone* durante a produção da obra.

Palavras-chave: Videoclipe. *Smartphone*. Audiovisual. Música. Internet.

SUMÁRIO

SOBRE ESTE TRABALHO.....	
INTRODUÇÃO.....	
JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS.....	
PROBLEMAS ENCONTRADOS.....	
REFERENCIAL TÉCNICO.....	
METODOLOGIA.....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
REFERÊNCIAS.....	
ANEXOS.....	

SOBRE ESTE TRABALHO

Imagino que para alguns, escolher o tema do seu trabalho de conclusão de curso é quase automático, tamanha especialização desenvolvida pelo estudante ao longo do curso. Para os mais perdidos, como eu, é muito mais difícil.

Meu grande questionamento era “o que eu devo priorizar? Aprendizado ou resultado final?”. Depois de mudar de ideias várias vezes, acabei optando pelo aprendizado. Portanto, não espere que aqui tenham conclusões incríveis e definitivas, muito menos uma obra-prima; aqui, verá o relato de uma experiência louca de um estudante que tentou juntar habilidades prévias com novos conhecimentos para transformar um sonho antigo em realidade.

Talvez o grande objetivo deste seja mostrar que se contentar com pouco é muito... pouco. E que sair da sua zona de conforto – por livre e espontânea vontade – é tão raro que as pessoas não vão te levar a sério quando o fizer. Manter-se confortável é fácil. Mas dificilmente encontraremos as respostas procurando-as debaixo da cama.

Levante-se.

INTRODUÇÃO

Quando analisamos um processo produtivo, há três “camadas” intrínsecas a ele: “o quê”, “como” e “porquê”. Enquanto “o quê” refere-se ao produto em si, “como” é a forma como será executado e “porquê” define o motivo pelo qual o processo produtivo existe¹.

O QUÊ?

Definir qual vai ser o tema do seu trabalho mais importante depois de 6 anos na faculdade não é nada fácil. Monografia ou produto? Filme? Roteiro? Análise? Alguns acabam tendo dezenas de ideias, outros nenhuma. E eu me encaixo nesse primeiro grupo.

Decidido a fazer um produto, faltava escolher o tema. Após muitas ideias descartadas, outras levadas à frente até certo estágio, tomei minha decisão: há pouco mais de seis meses, em 31 de maio de 2016, decidi que produziria um videoclipe. Mais que isso, o criaria a partir de uma música de minha autoria.

Simple à primeira vista, para mim era um grande desafio. E clichês à parte, sempre gostei de desafiar meus limites e capacidades. Mas por quê seria esse algo tão difícil?

Bom, porque decidi que faria tudo sozinho, sem equipe. Do roteiro à edição, da fotografia à atuação. Ah, e claro... Eu não fazia ideia de como se tocava um instrumento musical.

COMO?

Estamos em meio a uma mudança de era. No turbilhão da Internet e da cultura Faça Você Mesmo, as aulas e cursos presenciais tornam-se cada vez menos necessários para quem busca aprender coisas novas². Em nossos bolsos, temos aparelhos com

capacidade de processamento superior ao sistema da NASA que levou o homem à lua³. Com poucos cliques, podemos acessar o maior banco de dados da história da humanidade⁴.

Considerando tudo isso, decidi buscar amparo na tecnologia para cumprir meus objetivos neste trabalho: aprenderia tudo que fosse necessário somente através do que pudesse ter acesso gratuito pela Internet. Para a fotografia do videoclipe, não quis utilizar câmeras DSLR; aqui, os *smartphones* foram os escolhidos.

POR QUÊ?

Nesses anos estudando Comunicação, muitas discussões e ideias acerca da questão “qual a melhor forma de passar uma mensagem?”. Claro, não há resposta correta além de “depende”. Livros, pesquisas, estudos... O que é capaz de dizer, com convicção, qual a fórmula mágica para o comunicador?

Quando tomei minha decisão, me baseei muito mais em minha experiência como receptor que como transmissor de uma mensagem. Percebi que, para mim, a música é a forma que absorvo e interpreto mais profundamente os estímulos comunicados. Se eu – um comunicador bastante cético – me deixo desguardado enquanto ouço canções que me agradam, acredito que a música seja um receptáculo a ser considerado.

Além disso, confesso realizar um sonho de infância. A música sempre me atraiu; minha indisciplina e impaciência que me afastavam. Com o compromisso da entrega do produto final, não tive escolha senão lutar contra esses comportamentos; a pressão de corresponder às minhas próprias expectativas garantiu a dedicação de mais e mais horas de estudo; a descrença e o ceticismo das poucas pessoas que conheciam minha proposta trouxe a determinação nos momentos de maior frustração.

Por que eu decidi escolher esse projeto, mesmo diante da possibilidade real de fracassar? Me pergunto isso todos os dias, e ainda não tenho uma resposta que possa

ser colocada em palavras bonitas e motivadoras. Talvez porque, se fosse fácil, não teria tanta graça.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Para a Comunicação, este trabalho pode levantar questionamentos acerca do padrão preestabelecido para equipamentos audiovisuais. Filmar profissionalmente com *smartphones* ainda é um tabu, especialmente no Brasil, onde tais aparelhos são muito menos acessíveis⁵. As novas possibilidades que se abrem com esses equipamentos podem significar um ponto de virada na história do audiovisual, democratizando cada vez mais a produção cinematográfica.

Também acredito na importância do baixo orçamento para a produção do videoclipe. Em um cenário onde surgem cada vez mais bandas, tornar este produto mais acessível contribuirá para o desenvolvimento do mercado nacional da música.

Deixo também a reflexão sobre as novas formas de aprender, seja pelo Youtube, seja por meio de *sites* especializados. Não cabe à proposta deste desenvolver um questionamento pedagógico ou contestar o espaço acadêmico, apenas fomentar práticas complementares de aprendizado, que gostaria de ver serem aplicadas na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Afinal, por que não tomarmos a tecnologia como aliada nas salas de aula?

Uma formação complementar torna o graduando um profissional mais completo, diminuindo assim sua dependência de outros. Imagine se todos fossem capazes de realizar diversas funções do audiovisual com excelência e pudessem fazer cinema de alta qualidade técnica com um equipamento que carregam no bolso.

Por fim, tento com este provocar questionamentos aos futuros graduandos, para que optem não pelo caminho mais fácil, mas pelo de maior aprendizado. Que possa servir de exemplo para propostas ainda mais ambiciosas.

PROBLEMAS ENCONTRADOS

Durante a execução deste trabalho, foram encontradas diversas dificuldades à proposta inicial, que fizeram com que eu tivesse que adequá-la. Por não ter experiência profissional alguma com música, acabei não levando em consideração o grau de dificuldade real do aprendizado dessa linguagem. Consequentemente, tais dificuldades interferiram diretamente na execução do videoclipe, nos prazos preestabelecidos e na qualidade do produto final.

Complexidade da teoria musical

Não é necessário aprender teoria musical para tocar um instrumento, como o violão, por exemplo. Um caminho mais simples é memorizar acordes e suas sequências dentro das músicas a serem tocadas. Inicialmente, foi o que fiz. Apesar de ter evoluído bastante tecnicamente, em nada me ajudou quando precisei começar a compôr minhas próprias músicas.

Sem conhecimento da teoria musical, não fui capaz de produzir algo novo, apenas reproduzir obras já existentes. Passei semanas tentando, em vão, vencer esse obstáculo. Precisei, dessa forma, reorganizar-me e dedicar muito mais horas que o previsto para me aprofundar teoricamente. Todos os instrumentos que tive contato são guiados pela mesma linha teórica, mas é uma área bastante densa, que alia conhecimentos e habilidades e é difícil de assimilar. Não é algo para se aprender em poucos meses.

Quantidade de técnicas a aprender

Somado às (muitas) horas investidas em estudos teóricos e de referências, mais tempo ainda foi dedicado ao estudo da técnica dos instrumentos propostos. Inicialmente disposto a aprender guitarra, baixo elétrico, bateria e teclado, acabei me limitando aos

dois primeiros.

Além dos instrumentos, ainda seria necessário manipular os programas de edição e gravação de música. Desse objetivo, desisti rapidamente. Quanto mais imergia nos estudos da música, maior era a certeza que o tempo estava longe de ser suficiente. E nesse momento, entendi que minha proposta, dadas as condições apresentadas, não era possível.

Fazer um videoclipe sozinho continuava a proposta, porém para compor precisava de ajuda. Felizmente, meu irmão mais novo é músico e cursa atualmente Produção Musical em São Paulo. Decidi chamá-lo para produzir e cocriar comigo. A partir daí, pude me concentrar mais nos estudos de guitarra, que seriam a base da minha composição, e de canto.

Confiabilidade e multiplicidade de fontes

Considerando que escolhi buscar todo o conhecimento na Internet, me deparei com um leque muito mais vasto de opções. Opções essas, entretanto, menos confiáveis. O Youtube, canal que mais utilizei para essa finalidade, parece um cardápio de *fast-food*: “*aprenda guitarra fácil*”, “*como ter uma voz mais bonita em 5 minutos*” e muitos outros.

A resposta que encontrei foi prezar por conteúdos mais densos (considerando que muitos dos tutoriais de Internet não têm mais de 5 minutos de duração) e segmentados. Por exemplo, ao contrário de estudar o vídeo “*como ter uma voz bonita em 5 minutos*”, busquei séries de videoaulas que se aprofundassem mais em cada tema.

Apesar de não serem fontes bem-aceitas academicamente, posso afirmar que apresentei uma perceptível e constante evolução técnica, algo que provavelmente não seria possível em tão pouco tempo com metodologias mais comuns às universidades.

Fazer tudo sozinho

Além do que já esclareci anteriormente sobre fazer sozinho a música, o clipe mostrava-se tão difícil quanto. Já na fase de roteiro, muitas ideias foram cortadas por conta dessa exigência. Precisava criar um roteiro simples e fluido, que pouco exigisse de produção, atuação ou movimentos de câmera. E considerando que eu teria pouquíssimo tempo para de fato produzi-lo, pois as dificuldades e atrasos na composição da música impediam o início da produção do videoclipe.

Limitações técnicas dos equipamentos utilizados

Os *smartphones* ainda não possuem câmeras com qualidade equivalente às DSLR. Além de sensor e lentes menores, ainda não são tão flexíveis a ponto de permitir diversas trocas de lente. Além disso, a estabilização de movimento e a percepção automática de luz denunciam a baixa qualidade presente na imagem.

Para contornar todos esses problemas, foram necessárias horas de pesquisa, testes e equipamentos complementares. Aqui, o Youtube foi novamente uma excelente fonte de informações. Testes de imagem e comparativos me ajudaram a escolher os melhores equipamentos para a realização do projeto.

Preço dos equipamentos de música e audiovisual

A maior dificuldade encontrada. Não pretendia me aprofundar nessa questão, pois não achei que seria tão importante. Mas, após viver tais dificuldades, posso afirmar que foi um fator decisivo – e sem solução – que impactou negativamente na qualidade do produto final.

Inicialmente, ao começar os estudos em música, me espantei com o preço dos instrumentos que pretendia comprar. Fora acessórios e outros equipamentos importantes. Proporcionalmente, é cerca de quinze vezes mais caro para um brasileiro comprar a mesma guitarra que um estadunidense. Quinze vezes.

Para *smarthphones*, a conta não fica muito melhor: custa nove vezes mais ao brasileiro ter o novo *Iphone 7 plus* que ao estadunidense. Sem contar, claro, os custos tarifários das operadoras de celular – o Brasil possui a tarifa mais cara do mundo.

País esse que, não satisfeito, é também o pior do planeta quando se trata de retorno ao cidadão sobre impostos pagos. Esse fator, infelizmente, só pode ser contornado de uma forma: mudando-se para outro país.

REFERENCIAL TÉCNICO

Para a concretização deste trabalho, diversas referências trouxeram elementos que, combinados, deram origem ao produto final.

PROJETO

Para a ideia do projeto tomar forma, dois outros projetos foram fundamentais.

“*Around The World in 80 Music Videos*”

Um casal brasileiro passou quase dois anos viajando pelo mundo e produzindo videoclipes com bandas dos países visitados. Os vídeos são (quase) todos feitos com uma Canon 5D e um estabilizador Glidecam e o próprio casal escreve o roteiro, opera a câmera, dirige os atores, produz e edita. A gravação é feita sempre em plano-sequência e apenas alguns poucos dias são investidos em todo o processo. Muito inspirador para mim, foi fundamental para minha decisão de filmar um videoclipe.

“*Tangerine*”

Destaco o longa-metragem “*Tangerine*”, dirigido por Sean S. Baker. O filme, que fez sua estreia no *2015 Sundance Film Festival*, ganhou destaque mundial por ter sido filmado apenas com três *smartphones* Apple iPhone 5S. Tal decisão foi tomada pelo diretor por causa do baixo orçamento, preferindo priorizar a captação de som e a pós-produção, apostando que esses dois elementos seriam mais importantes para a percepção audiovisual do público. E acertou. Combinando o iPhone 5S com um estabilizador de imagem Tiffen Steadicam Smoothie (cujo design foi especialmente criado para o iPhone) e o aplicativo FiLMiC Pro (também criado para o *smartphone* da Apple).

“*Tangerine*” traz uma fotografia bastante singular, com constante movimento,

saturação forte, e muito contraste com luzes estouradas. Mais que isso, mostra ao cinema independente que é possível filmar profissionalmente com um *smartphone* e desafia o reinado das DSLR.

VIDEOCLIFE

Desde criança apaixonado por videoclipes, sempre gostei dos que contam histórias de maneira semelhante aos filmes. Como referências para esse projeto, selecionei quatro.

“Lightning”, de Neulore

Parte do projeto “*Around The World in 80 Music Videos*”, o clipe conta a história retratada na música misturando atuação com improvisação de dança. O interessante aqui é como a segunda personagem afeta a percepção do espectador sobre a expressão e os movimentos do primeiro personagem. Fica claro a importância de um segundo personagem para dar um sentido mais forte à mensagem. Com temática semelhante a música composta por mim, me fez mudar de ideia e fazer um roteiro com dois personagens, e não apenas um.

“Slap My Bitch Up”, de The Prodigy

Uma obra-prima. Censurado em diversos países, traz uma sensação vertiginosa enquanto acompanhamos a aventura noturna do personagem. Entre os vários fatores interessantes, destaco principalmente a forma como os efeitos sonoros contribuem para que o espectador se sinta imerso, bem como a intensidade da música, que acompanha os acontecimentos. A fotografia escura, tomada por sombras, é uma estética que tentei, de certa forma, trazer para meu produto. E o roteiro, claro, com uma surpreendente revelação ao final.

“Breezeblocks”, de Alt-J

Outra obra-prima, esse curta-metragem reverso em câmera lenta é simplesmente de tirar o fôlego. A colorização azulada, a montagem carregada de closes e a velocidade reduzida entregam um resultado singular. Como se não bastasse tudo isso, ainda traz dois pontos de virada em um a história contada em menos de 4 minutos. Durante a execução deste projeto, foi fundamental para que eu repensasse o estilo que tinha decidido adotar: um plano-sequência.

“16-22”, de Dead Buttons

Outro vídeoclipe do “Around The World in 80 Music Videos”, “16-22” é simples e direto. Utilizando máscaras para compor o visual dos figurantes e dos personagens, trouxe à tona para mim essa alternativa para gastar menos energia na atuação e na escolha de atores. A colorização, também azulada, se comunica bem com as texturas do cenário. A movimentação dinâmica da câmera, se tornando um personagem ao final, provou-se também uma referência valiosa.

METODOLOGIA

Para a realização do videoclipe, foram definidas as seguintes escolhas técnicas:

FOTOGRAFIA

Equipamentos

Foram utilizados um Apple iPhone 6 com o aplicativo FiLMiC Pro, junto de um estabilizador Dimitec Flying Hand com um adaptador para se tornar compatível com um smartphone.

Enquadramento e movimentação de câmera

Os enquadramentos, em sua maioria, ficaram reféns da limitação da câmera subjetiva e da capacidade do equipamento. Foram feitos *closes* para contrapor a subjetividade da câmera enquanto personagem, evitando planos abertos que denunciassessem a inexistência de um segundo ator. Em todos os planos subjetivos, o movimento foi dado pelo estabilizador. Era importante que a movimentação fosse fiel a do olhar do personagem que a câmera representa. Nos demais, não há movimento, para que haja contraste entre as duas linguagens.

Iluminação

Escolhi utilizar a iluminação da própria locação. Como boa parte do vídeo é realizado em plano sequência, não era viável utilizar tripés com luzes de set. Porém, como as lâmpadas do local eram de temperaturas diferentes, várias delas tiveram que ser trocadas para manter um padrão que não atrapalhasse a pós-produção.

EDIÇÃO

Programa

Para a pós-produção, utilizei o Adobe Premiere CC.

Montagem

Seguindo bastante “Breezeblocks”, a montagem intercala movimento com os *closes*. Lenta, segue a música sempre que possível.

Colorização

Com a intenção de criar um ambiente sem vida ou esperança, optei pela colorização acinzentada com tons de azul.

ROTEIRO

Originalmente um plano-sequência do início ao fim, antes da data de filmagem foi adaptado para precisar de apenas um ator, em vez de dois. Além disso, algumas ações precisaram ser adaptadas por não funcionarem durante as primeiras tomadas. O roteiro foi desconstruído durante as filmagens e reconstruído na edição.

DIREÇÃO DE ARTE

Para trazer ao ambiente a sensação de abandono, de desistência, busquei tornar o ambiente sujo e bagunçado. Pistas indicam isso ao longo do vídeo, como a geladeira vazia e as roupas jogadas no chão do quarto. A máscara, por sua vez, foi adotada para eliminar a necessidade de mais de um ator, não depender da expressão facial do ator e, por fim, para deixar claro o conflito emocional entre os dois personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus a fazer o videoclipe “Até o fim”, já sabia que seria um trabalho enorme em diversas frentes. Porém superestimei minha capacidade realizadora ao acreditar que tudo poderia ser feito com excelência em seis meses; chego à conclusão que era necessário um período muito maior.

Apesar de longe de alcançar minhas próprias expectativas, este trabalho proporcionou muito aprendizado e abriu novas portas para meu futuro profissional. Conheci novas tecnologias e explorei possibilidades que muitos profissionais de audiovisual sequer cogitam.

Gostaria de destacar aqui alguns aprendizados que podem ser tirados desse processo.

Primeiro, que não era possível – dadas as condições – fazer este trabalho sozinho. Durante a etapa da produção musical, tive uma ajuda inestimável e decisiva do Caio Watanabe, cujo conhecimento da área vai muito além do meu. Acredito que ao menos metade dos meus esforços foram poupados por conta dele. Mesmo que eu tenha composto a base da música e a letra, eu não tinha capacidade para produzi-la e mixá-la de modo que ficasse mais encorpada e completa. Na execução do videoclipe, também, tive grande ajuda da Malu Munhoz, também estudante de audiovisual e que me auxiliou durante a pós-produção, além de ser a operadora de câmera.

Também destaco a dificuldade em nosso país de produzir nessa área. O custo altíssimo e desproporcional dos equipamentos de maior qualidade é um obstáculo gigantesco a ser superado, freando o cinema e a música independentes de alto nível.

A possibilidade de aliar a educação formal das universidades com a informal através da Internet é outro aprendizado importante: um é complementar e potencializador do outro. A informação está aí, pra quem quiser. Por que ainda dependemos tanto de uma

aula presencial?

A nova era chegou, e os *smartphones* chegam cada vez mais próximos do desempenho audiovisual profissional. Hoje, já é uma realidade em alguns casos; cabe aos universitários explorarem mais esses equipamentos e aos professores incentivá-los. Porém, muitos acessórios e aplicativos complementares (e caros) ainda são necessários a eles. Considerando que os smartphones têm se desenvolvido muito mais rapidamente que as câmeras profissionais, acredito ser questão de tempo até que migremos definitivamente para as tecnologias portáteis.

Quanto ao videoclipe, acredito que cumpre seu propósito de passar a mensagem da música. A estética ainda é falha, principalmente em profundidade de campo, percepção de luz e textura, mas o resultado pode ser potencializado com mais tempo e recursos.

Acho que, no final, a lição que fica é que o mercado audiovisual independente inevitavelmente vai crescer, vai mudar. Se para melhor ou pior, é mera questão de ponto de vista. Não seja mero espectador.

“Até o fim”

Não achou respostas
debaixo da sua cama.
Não tem mais perguntas
pra fazer essa semana.

Se eu te procurar,
não finja que não vê.
Se eu te perguntar
ao menos tente responder.

Toda dor
veio de uma vez.

Eu sou
mero espectador.

Não... Não...
Sei como salvar...

Perdão...
Vamos conversar.

Nos disseram que
não tinha o que fazer.
Era questão que só o tempo
ia resolver.

Que grande mentira
eles nos contaram.
Olha pelas famílias,
todas que acreditaram.

Toda dor
veio de uma vez.

Eu sou
mero espectador.

Não... Não...
Sei como salvar...

Perdão...
Vamos conversar.

Afasta do abismo.
Nem tenta mais pular.
A memória dói
mas não precisa se culpar.

Toda dor
veio de uma vez.

Eu sou
mero espectador.

Sem chão...
Se cair,
confia em mim.

Juntos,
vamos até o fim.

Nos disseram que
não tinha o que fazer.